

## Sobre a divergência Jung e Freud

*Felipe Luis Melo de Souza*  
*felipeluisouza@yahoo.com.br*

De príncipe herdeiro à profeta de novas religiões ou de gênio não reconhecido à teórico neurótico fixado na sexualidade – nos dizeres respectivos de Freud e Jung – sobre a relação entre o fundador da psicanálise e da Psicologia Analítica muito se escreveu à respeito da colaboração profícua à ruptura problemática.

No entanto, a dissolução das relações e as críticas parte a parte não significaram o completo abandono de certos pressupostos psicanalíticos por Jung. Clinicamente, o divã e a associação livre perderam lugar para o olhar face a face e técnicas como a imaginação ativa e a caixa de areia, mas o método de análise sempre serviu de base à interpretação dos sintomas e sonhos, junto da introdução posterior do método sintético e do ponto de vista teleológico, de influência adleriana.

A *via régia para o Inconsciente* para Freud manteve-se presente – com suma importância – por exemplo, nos questionamentos feitos pelo analista junguiano dos sonhos que o paciente tem nas noites precedentes ao início do tratamento. A consideração dos sonhos de primeira infância como preditivos do desenvolvimento da personalidade (ao menos até a meia-idade) é signo do valor da via reaberta por Freud, mesmo com as modificações na interpretação já presentes a partir de 1913 na conferência de Londres, publicada pela primeira vez com o título *Psycho-Analysis* (Jung, 1971, 230).

Com o rompimento definitivo em 1914, quando Jung deixa a presidência da recém criada Associação Psicanalítica Internacional, inicia-se a querela de atribuição de epítetos depreciadores de ambos os lados. No entanto, é claro que ele não foi acrítico. No prefácio da série de conferências dadas na Bafordam University em Nova Iorque (1912), que constituiu um curso de extensão, Jung, ao tomar contato com a teoria psicanalítica dez anos antes, escreve: *cheguei à convicção de que não poderia tecer qualquer crítica verdadeira. Não possuía a disposição de certas pessoas que, por não compreenderem ou não poderem realizar algo, acham que tem o direito de rejeitá-lo criticamente* (Jung, 1971, 97).

A crítica da exacerbação da sexualidade na obra do pai da psicanálise - que é feita frequentemente - esquece-se de que Freud e Jung possuíam o mesmo sonho inicial, o Falo. Nas palavras da maior colaboradora do último, *é deveras significativo que o mesmo tema mítico básico, o deus fálico, tivesse aprisionado Jung e Freud* (Von Franz, 1975, 56).

Jung, quando ainda colaborador da psicanálise, a defendia dos ataques feitos aos conceitos de libido e sexualidade, mais amplos do que o que comumente imaginam os leigos:

Há anos venho dizendo, em seminários e nos meus escritos, que o conceito de libido é usado em sentido extremamente genérico, (...) e que na terminologia psicanalítica não significa absolutamente “excitação sexual localizada”. (Jung, 1971, 92).

Posteriormente a principal contestação à teoria psicanalítica viria a ser justamente a sexualidade e a fixação de seu criador nesta. Contudo Freud não se mostrou excessivamente apegado às suas idéias, refazendo de modo radical suas bases teóricas com o conceito de pulsão de morte, que modificou profundamente a psicanálise. É notório o *tournant de 1920* (Mezan, 1989).

Ainda que Jung observasse atentamente tal transformação, a predominância do sexual é o fator sobre o qual incide geralmente suas contestações à psicanálise.

Evidentemente as dessemelhanças na divergência aqui abordada são enormes, e mais profundas do que “o apenas sexual”, sem as quais Jung não teria criado a própria abordagem, de acordo com ele, representante de um tipo psicológico específico. A escola psicanalítica e adleriana estariam assentadas em outros tipos.

O segundo grande livro de Jung após o rompimento, *Tipos Psicológicos* (1920), procura responder a tal problemática, embora soubesse não possuir um ponto de Arquimedes que o permitisse colocar-se fora do circuito de idéias elaboradas por ele e Freud, como atesta o artigo *A Divergência Freud Jung* (Jung, 1989).

Divergências à parte, Jung em sua *Prática da Psicoterapia*, em artigo de 1951, escreve

nos casos mais graves de neurose, não se deveria aplicar indistintamente um ou outro método, mas, dependendo do tipo do problema, a análise deve seguir de preferência os princípios de Freud e Adler (...) Quando as sessões começam a ficar monótonas e repetitivas (...) está na hora de abandonar o tratamento analítico-redutivo e de tratar os símbolos anagógicamente, ou sinteticamente, o que equivale ao método dialético e à individuação. (Jung, 1985, 16).

De modo que, por Jung, a herança freudiana não foi recebida diretamente nem com a morte de Freud em 1939 nem com o rompimento em 1914, embora tenha havido usufruto de conteúdos importantes para a constituição da Psicologia Analítica, tanto teoricamente quanto na prática clínica, (além dos efeitos da saída de Adler do movimento psicanalítico). Por isso, continua válida a recomendação de Jung, em *L'analyse des rêves*, de 1909 : *Estou convencido de que o estudo deste método [psicanalítico] é extremamente importante, não só para psiquiatras e neurologistas, mas também para psicólogos* (Jung, 1971, 35).

## Bibliografia

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Objetiva, 2000.

JUNG, C.G. *A Prática da Psicoterapia*. Editora Vozes, 1985.

JUNG, C.G. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Editora Vozes, 1991

JUNG, C.G. *Freud e a Psicanálise*. Editora Vozes, 1989.

JUNG, C.G. *Tipos Psicológicos*. Editora Vozes, 1991

JUNG, C.G. *Psychologische Typen*. Walter-Verlag, Düsseldorf, 1981

MIGLIORINI, W.J.M. *Função Transcendente na obra de Jung: Definição e papel na interpretação*. São Carlos, 1993.

MEZAN, R. *A trama dos conceitos*. Editora Perspectiva, Rio de Janeiro, 1989.

VON FRANZ, M. C.G. *Jung – Seu mito em nossa época*. Cultrix, São Paulo, 1997.